



**Discurso de abertura
na sessão plenária do Parlamento Europeu**

Como proferido

Ursula von der Leyen
Candidata a Presidente da Comissão Europeia

Estrasburgo
16 de julho de 2019



Discurso de abertura na sessão plenária do Parlamento Europeu

Senhor Presidente,

Senhoras Deputadas e Senhores Deputados,

Há precisamente 40 anos, Simone Veil foi eleita a primeira Presidente do Parlamento Europeu e apresentou a sua visão para uma Europa mais unida e mais justa.

É graças a ela, e a todas as outras grandes mulheres europeias, que apresento hoje a minha visão para a Europa.

Passados 40 anos, é com grande orgulho que posso dizer: **há finalmente uma mulher candidata à presidência da Comissão Europeia.**

Sou-o graças a todas e todos que quebraram barreiras e convenções. Sou-o graças a todas e todos que construíram uma Europa de paz, uma Europa unida, uma Europa de valores.

É esta convicção europeia que me tem guiado ao longo de toda a minha vida e carreira, enquanto mãe, enquanto médica e enquanto mulher política.

É esta coragem e esta audácia de pioneiras como Simone Veil que estão no âmago da minha visão para a Europa.

E é com este espírito que orientarei a Comissão Europeia, a que faço tenção de presidir.

Senhor Presidente,

Senhoras Deputadas e Senhores Deputados,

Os homens e as mulheres que fundaram a Europa erigiram um edifício poderoso sobre os escombros e as cinzas de duas guerras mundiais. A paz.

Um mercado comum sólido. Um espaço sem fronteiras para comércio, viagens, investigação e trabalho. De Riga a Limassol, de Atenas a Lisboa, 500 milhões de europeus vivem hoje em dia em liberdade e prosperidade.

A geração dos meus filhos não consegue imaginar uma vida sem este sentimento de pertença à Europa. Quando esta geração afortunada nasceu, também nós, mais velhos, julgávamos que seria sempre essa a realidade.

Hoje também nós, mais velhos, temos plena consciência de que nos cabe retomar a luta e pugnar pela nossa Europa. O mundo inteiro debate-se com os desafios do progresso, processos disruptivos a que a Europa também não fica incólume.

As alterações demográficas, a globalização da economia mundial, o ritmo estonteante da digitalização no mundo do trabalho e, obviamente, as alterações climáticas. Nada disto é novidade; há muito que a ciência previa estes fenómenos. O que é novidade é o facto de, enquanto cidadãos europeus, de qualquer país, estarmos agora a viver e a sentir o seu impacto concreto.

Sejam os produtores de trigo finlandeses a braços com a seca ou a população francesa a braços com a vaga de calor mortal: sentimos na pele o impacto concreto das alterações climáticas. Seja a pensionista irlandesa que tem de aprender a utilizar os serviços bancários em linha ou o trabalhador polaco que, ao fim de 20 anos, é obrigado a reciclar-se profissionalmente para não perder o emprego: todos sentimos na pele o impacto da digitalização. Sejam as regiões da Europa que assistem ao encerramento de escolas, hospitais ou explorações agrícolas no seu território: todos sentimos na pele o impacto das alterações demográficas.

Tudo isto faz com que as pessoas sintam que perderam o controlo, que os laços das comunidades se diluíram. Nenhum destes desafios desaparecerá. Mas nem todos reagiram a estas tendências da mesma maneira. Uns estão a voltar-se para regimes autoritários, outros estão a comprar a sua influência no mundo e a criar dependências, investindo em portos e estradas. E há ainda os que optam pela via do protecionismo.

Nenhuma destas opções é para nós. **Queremos o multilateralismo, queremos o comércio justo, defendemos uma ordem assente em regras** porque sabemos que é o melhor para todos nós. **É algo que temos de fazer à maneira europeia.** Mas se quisermos seguir a via europeia, devemos primeiro redescobrir a nossa unidade. **Se estivermos unidos, ninguém de fora será capaz de nos dividir.**

Se reduzirmos as diferenças que nos separam, podemos transformar os desafios de hoje nas oportunidades de amanhã.

Uma União Europeia que procura ir mais longe.

O nosso desafio mais premente é manter o nosso planeta saudável. Esta é a maior responsabilidade e oportunidade dos nossos tempos. **Quero que, até 2050, a Europa se torne o primeiro continente com impacto neutro no clima.** Para que tal aconteça, devemos juntar-nos e tomar medidas ambiciosas. O objetivo atual de reduzir as nossas emissões em 40 % até 2030 não é suficiente.

Temos de ir mais longe. Temos de esforçar-nos mais. É necessária uma abordagem em duas fases para **reduzir as emissões de CO₂ em 50 %, ou mesmo em 55 %, até 2030.** A UE liderará as negociações internacionais para reforçar o nível de ambição das outras grandes economias até 2021. Se queremos ter um impacto real, as nossas ambições não se podem limitar às nossas fronteiras: temos de o fazer, mas em conjunto.

Para tal, nos primeiros 100 dias do meu mandato apresentarei um **Pacto Ecológico Europeu.** Proporei a primeira **lei europeia sobre o clima**, que consagrará a meta para 2050 no Direito.

Uma maior ambição implicará investimentos em grande escala. Os fundos públicos não serão suficientes. Proporei um **Plano de Investimento para uma Europa Sustentável** e transformarei algumas partes do Banco Europeu de Investimento num **Banco para o Clima**, o que permitirá desbloquear investimentos no valor de 1 bilião de euros ao longo da próxima década.

Urge mudar. Todos nós e todos os setores teremos de contribuir: do setor da aviação ao transporte marítimo, passando pela forma como cada um de nós vive e viaja. **É necessário que as emissões tenham um preço que faça mudar o nosso comportamento.** Para complementar este trabalho, e para assegurar que as nossas empresas podem competir em condições de igualdade, criarei um **imposto sobre o carbono nas fronteiras**, para evitar a fuga de carbono.

Mas o que é bom para o nosso planeta também tem de ser bom para os nossos cidadãos e as nossas regiões. É óbvio que estou consciente da importância dos fundos de coesão. Mas não chega. A transição tem de ser justa para todos. Embora nem todas as nossas regiões partam da mesma situação, todos partilhamos o mesmo destino. É por este motivo que proporei um **Fundo para uma Transição Justa** que apoie as regiões com mais dificuldades.

Esta é a maneira europeia de fazer as coisas: somos ambiciosos, não deixamos ninguém para trás, e oferecemos perspetivas. Para que este plano ambicioso seja bem-sucedido, precisamos de uma economia forte. Porque se quisermos gastar, primeiro temos de ganhar.

Para tal, é necessário reforçar a espinha dorsal das nossas economias: as **pequenas e médias empresas**, que, com a sua capacidade de inovação, empreendedorismo, flexibilidade e agilidade, criam postos de trabalho e proporcionam formação profissional aos nossos jovens. Mas só o podem fazer se tiverem acesso a capital independentemente de onde se encontrem neste enorme mercado único. Eliminemos todos os obstáculos, abramos as portas, concluamos, por fim, a **União dos Mercados de Capitais.** As nossas PME merecem-no.

Todos nós e todos os setores teremos de contribuir para reduzir as emissões.

É necessário que as emissões tenham um preço que faça mudar o nosso comportamento.

E precisamos de trabalhar dentro dos limites do **Pacto de Estabilidade e Crescimento**. Nos casos em que são necessários investimentos e reformas, devemos certificar-nos de que estes podem ser realizados. Devemos aproveitar toda a flexibilidade permitida pelas regras. Temos orgulho na nossa economia. Queremos torná-la mais forte.

Mas há também uma lógica clara e simples. Não são as pessoas que estão ao serviço da economia. É a economia que está ao serviço das pessoas. Na nossa economia social de mercado, temos de conciliar o mercado com o social. Por conseguinte, **recentrarei o nosso Semestre Europeu para garantir que os nossos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável continuam no bom caminho**.

E **defenderei impostos justos** — quer para o setor automóvel quer para as empresas digitais. É um bom sinal que os gigantes tecnológicos obtenham enormes lucros na Europa: somos um mercado aberto e gostamos da concorrência. Mas se têm estes lucros porque beneficiam da qualidade do nosso ensino, dos nossos trabalhadores qualificados, das nossas infraestruturas e da nossa segurança social, então é inaceitável que se aproveitem do nosso sistema fiscal para praticamente não pagarem impostos. Se quiserem beneficiar, também têm de contribuir.

Esta é a maneira europeia de fazer as coisas:

somos ambiciosos,

não deixamos ninguém para trás,

e oferecemos perspetivas.

Tirar o máximo partido do potencial europeu

Senhoras Deputadas e Senhores Deputados,

Fazer as coisas à maneira europeia implica também usar todo o nosso potencial: as nossas pessoas, o nosso talento, a nossa diversidade. Trata-se de criar uma União mais justa e mais equitativa. É isto que me incentivará todos os dias em que estiver em funções, tal como ao longo de toda a minha carreira.

Percorremos um longo caminho desde que fui a ministra responsável pelas questões familiares e tive de lutar para introduzir a remuneração parental e garantir o acesso das famílias a creches e infantários. Mas a luta pela equidade não tem fim. Na Europa, há ainda demasiadas famílias trabalhadoras para quem é difícil fazer face às despesas do dia a dia. Quero garantir que o trabalho compensa. Numa economia social de mercado, todos os que trabalhem a tempo inteiro devem ganhar um **salário mínimo** que lhes permita ter uma vida digna. Por conseguinte, desenvolveremos um novo enquadramento, como é óbvio, no respeito dos diferentes mercados de trabalho. Na minha opinião, a melhor solução é a negociação coletiva entre associações patronais e sindicatos porque estabelece um salário mínimo adequado ao setor ou à região. Claro que sei que há diferentes modelos, mas temos de criar um enquadramento. E quero uma maior proteção para as pessoas que perdem o emprego quando a economia atravessa um período difícil. Um **sistema europeu de resseguro de desemprego** permitirá apoiar as nossas economias e as nossas populações em tempos de choques externos. É certo que existem sistemas nacionais de prestações de desemprego, mas é necessário um sistema de resseguro que permita à Europa enfrentar os choques externos mais fortes.

Quero também mais igualdade e equidade para os jovens. A taxa de desemprego jovem é de 14,2 % na Europa, mas, enquanto em alguns países esta taxa se fica pelos 5 %, noutros atinge

40 %. Não podemos tolerar isto. Os jovens têm aspirações, querem trabalhar, querem ter um futuro. Cabe-nos a nós garantir que o conseguem fazer. Por este motivo, velarei por que a **Garantia para a Juventude**, que lancei quando era ministra do trabalho no nosso Conselho, funcione o melhor possível em cada um dos Estados-Membros. Apoiarei a ideia do Parlamento Europeu de triplicar o orçamento do programa Erasmus+ no próximo quadro financeiro plurianual.

Temos de cuidar dos mais vulneráveis: as nossas crianças. Temos de lutar contra a pobreza. Como mãe de sete filhos, sei bem quão importante é o acesso à educação, ao desporto, à música e a uma alimentação saudável, bem como um ambiente de amor, para o futuro das crianças. Precisamos de uma **Garantia para a Infância** que assegure que todas as crianças em risco de pobreza ou de exclusão social na Europa usufruem dos direitos mais básicos, como o acesso aos cuidados de saúde e à educação. Este apoio na fase inicial da sua vida dá-lhes os meios necessários ao seu pleno desenvolvimento, com enormes benefícios para o conjunto da sociedade. Este é um dos elementos do meu plano de ação para redinamizar o **Pilar dos Direitos Sociais**.

E começarei por dar o exemplo: o meu **colégio de Comissários terá um número igual de homens e mulheres**. Não hesitarei em solicitar novos nomes caso os Estados-Membros não proponham mulheres em número suficiente. Desde 1958, tivemos 183 comissários. Destes, apenas 35 eram mulheres, ou seja, menos de 20 %. Representamos metade da população. **Queremos a nossa quota-parte**. Também precisamos de falar mais abertamente sobre a violência contra as mulheres. Se uma em cada cinco mulheres já foi alvo de violência física ou sexual e 55 % das mulheres foram vítimas de assédio sexual, é evidente que esta não é uma questão que diga respeito unicamente às mulheres. Proporei assim a **inclusão da violência contra as mulheres na lista de crimes da UE estabelecida no Tratado**. E a União Europeia deve aderir à Convenção de Istambul.

Estou convencida de que, se reduzirmos as diferenças que nos separam, teremos uma União mais forte.

Defender os valores europeus

Senhoras Deputadas e Senhores Deputados,

A filosofia grega e o direito romano são o berço da civilização europeia. E o nosso continente atravessou o seu período mais sombrio quando foi governado por ditadores e o Estado de direito foi abolido. Durante séculos, os europeus lutaram arduamente pela sua liberdade e independência.

O Estado de direito é o melhor instrumento para defender estas liberdades e proteger os elementos mais vulneráveis na nossa União. **É por isso que não se pode falar de compromissos quando o que está em causa é respeito do Estado de direito**. Tal nunca acontecerá. Assegurarei a utilização de todo o nosso vasto conjunto de instrumentos europeu. Além disso, apoio plenamente um **Mecanismo de Estado de Direito em toda a UE**. Que fique claro: o novo instrumento não constitui uma alternativa aos instrumentos existentes. Trata-se de um instrumento adicional.

A Comissão será sempre a guardiã independente dos Tratados. A justiça é cega — defenderá o Estado de direito, onde quer que este seja atacado.

Senhoras Deputadas e Senhores Deputados,

O Estado de direito é universal. Aplica-se a todos. Nos últimos cinco anos, mais de 17 000 pessoas morreram afogadas no Mediterrâneo, que passou a ser a fronteira mais mortífera do mundo. No mar, existe o dever de salvar vidas e os nossos tratados e convenções consagram o dever legal e moral de respeitar a dignidade de todos os seres humanos.

A União Europeia pode e deve defender estes valores. **A União Europeia necessita de fronteiras onde prevaleça a humanidade. Devemos salvar, mas, por si só, salvar não é suficiente.** Temos de reduzir a migração irregular, combater os passadores e os traficantes — trata-se de crime organizado —, preservar o direito de asilo e melhorar a situação dos refugiados, por exemplo através da criação de corredores humanitários em estreita colaboração com o ACNUR. Precisamos de empatia e de determinação.

Sei quão difíceis e divergentes são os debates sobre esta questão. Temos de dar resposta às preocupações legítimas de muitos dos nossos cidadãos e olhar para a forma como podemos superar as diferenças. Proporei um **novo pacto sobre a migração e o asilo**, incluindo o **relançamento da reforma da Convenção de Dublin**.

Graças a isto, poderemos regressar a um **espaço Schengen de livre circulação plenamente funcional** e que seja um motor essencial da nossa prosperidade, segurança e liberdades. Um **elemento central** deste objetivo ambicioso é o **reforço da Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira**. A Frontex deve contar com um corpo permanente de 10 000 guardas de fronteira bastante mais cedo, já em 2024, e não apenas em 2027.

Durante séculos, os europeus lutaram arduamente pela sua liberdade e independência.

É por isso que não se pode falar de compromissos quando o que está em causa é o respeito do Estado de direito. Tal nunca acontecerá.

Temos de modernizar o nosso sistema de asilo. O Sistema Europeu Comum de Asilo deve ser exatamente isso: comum. Só podemos ter fronteiras externas estáveis se ajudarmos devidamente os Estados-Membros que, devido à sua localização geográfica, estão sujeitos a maior pressão.

Precisamos de solidariedade. Precisamos todos de contribuir e de nos ajudar mutuamente. Precisamos de uma nova forma de partilha dos encargos. Além disso, temos de propor uma cooperação leal aos países de origem e de trânsito que seja do interesse de ambas as partes. A diplomacia, o desenvolvimento económico, o investimento, a estabilidade e a segurança são indispensáveis para que as pessoas tenham perspetivas de futuro.

Permitam-me que vos conte uma história a este respeito. Há quatro anos, tive a sorte de acolher um refugiado sírio de 19 anos em minha casa e na minha família. Este jovem não sabia falar alemão e estava profundamente traumatizado pela guerra civil. Hoje, quatro anos mais tarde, fala fluentemente alemão, inglês e árabe. É um dos líderes da sua comunidade durante o dia e segue uma formação profissional em regime pós-laboral. É uma fonte de inspiração para todos nós. A sua vontade é de, um dia, regressar ao seu país.

Um líder responsável no mundo

Senhoras Deputadas e Senhores Deputados,

Enquanto ministra da Defesa, visitei muitas vezes este bairro destruído pela guerra. Nunca esquecerei as palavras do antigo presidente do Iraque, Fuad Masum, que dizia: «Queremos ver mais Europa aqui». **O mundo clama por mais Europa.** O mundo precisa de mais Europa.

Acredito que a Europa deve ter uma voz mais forte e mais unida no mundo — e tem de agir rapidamente. É por isso que **necessitamos de ter a coragem de tomar decisões em matéria de política externa por maioria qualificada.** E de nos mantermos unidos para apoiar estas decisões.

A pedra angular da nossa defesa coletiva será sempre a OTAN. **Continuaremos a ser transatlânticos e teremos de nos tornar mais europeus.** Foi por esta razão que criámos a **União Europeia da Defesa.** O nosso trabalho para uma União Europeia da Segurança e da Defesa insere-se nos nossos esforços para garantir a segurança global. A estabilização está sempre relacionada com a diplomacia, a reconciliação e a reconstrução.

Os nossos militares trabalham lado a lado com agentes da polícia, diplomatas e trabalhadores da ajuda ao desenvolvimento. Estes homens e mulheres merecem o nosso mais profundo respeito e reconhecimento pelo seu serviço incansável em nome da Europa.

Não posso falar sobre a Europa sem falar nos nossos amigos do Reino Unido. Em 2016, pela primeira vez, um Estado-Membro decidiu abandonar a União Europeia. Trata-se de uma decisão importante que lamentamos, mas respeitamos. Desde então, juntamente com o atual governo britânico, a União Europeia tem trabalhado arduamente para organizar a saída ordenada do Reino Unido.

O Acordo de Saída celebrado garante segurança nos casos em que o Brexit trouxe incerteza: na preservação dos direitos dos cidadãos e na continuidade da paz e da estabilidade na ilha da Irlanda. Estas duas prioridades também são minhas.

Contudo, caso haja uma justificação válida, estou preparada para uma nova prorrogação da data de saída. Aconteça o que acontecer, o Reino Unido continuará a ser nosso aliado, nosso parceiro e nosso amigo.

*A pedra angular da nossa
defesa coletiva será
sempre a OTAN.*

*Continuaremos a ser
transatlânticos e teremos
de nos tornar mais
europeus.*

Um novo impulso para a democracia europeia

Senhoras Deputadas e Senhores Deputados,

Quando, há 13 dias, cheguei a Estrasburgo, prometi que vinha para ouvir. Ouvi as vossas preocupações, as vossas esperanças e as vossas expectativas. As orientações políticas que vos enviarei hoje refletem os nossos debates. Partindo do que ouvi, retirei as minhas conclusões e tomei as minhas decisões.

Em primeiro lugar, **quero que os cidadãos europeus desempenhem um papel determinante e ativo na construção do futuro da nossa União**. Quero que tenham uma palavra a dizer numa **conferência sobre o futuro da Europa**, que deverá iniciar-se em 2020 e ter uma duração de dois anos.

Em segundo lugar, **gostaria que trabalhássemos em conjunto para melhorar o sistema de cabeças de lista**. Precisamos de o tornar mais visível para o eleitorado alargado e temos de abordar a questão das listas transnacionais nas eleições europeias, enquanto instrumento complementar da democracia europeia.

E, em terceiro lugar, sim, **apoio um direito de iniciativa do Parlamento Europeu**. Quando esta assembleia, deliberando por maioria dos seus membros, adotar resoluções que solicitem à Comissão a apresentação de propostas legislativas, comprometo-me a responder com um ato legislativo no pleno respeito dos princípios da proporcionalidade, da subsidiariedade e de legislar melhor.

Estou convencida de que a nossa parceria reforçada contribuirá para que a voz das pessoas se faça ouvir melhor.

A promessa da Europa

Senhor Presidente,

O meu pai tinha 15 anos quando terminou a terrível guerra pela qual o meu país semeou a morte, a devastação, a destruição e deportações por todo o continente europeu.

Aos filhos — a mim e aos meus seis irmãos e irmãs — falava amiúde sobre esse tempo. Acima de tudo, explicou-nos a importância de os outros países nos terem estendido novamente a mão para nos integrar novamente no círculo dos povos democráticos. O percurso europeu do meu pai começou na Comunidade Europeia do Carvão e do Aço. No início, disse-nos: «Reatámos as relações comerciais e, onde há laços de comércio, surgem laços de amizade. Os amigos não se matam.»

O meu pai foi chefe de gabinete de Hans von der Groeben na Comissão Hallstein e, posteriormente, diretor-geral da Concorrência. **Assim, nasci em Bruxelas e fui europeia antes de aprender que também era alemã e que era da Baixa Saxónia. E é por**

Fui europeia antes de aprender que também era alemã e que era da Baixa Saxónia.

E é por isso que, para mim, o que conta é: unir e reforçar a Europa.

isso que, para mim, o que conta é: unir e reforçar a Europa.

Quem quiser juntar-se a mim, a bem desta Europa, num esforço para a fortalecer, fazer crescer e medrar, terá a seu lado uma lutadora convicta. Mas quem a quiser enfraquecer, dividir ou perverter os valores em que assenta terá em mim uma inimiga feroz.

Quando o meu pai já estava em idade avançada e perto do fim da vida, a sua narrativa sobre a Europa mudou. Já não falava tanto na guerra. Dizia: «A Europa é como um longo matrimónio. O amor por ela não é maior do que no primeiro dia, mas é mais profundo.» Porque sabemos que podemos contar uns com os outros tanto nos tempos bons como nos mais difíceis. Porque sabemos que nos podemos desentender, mas também nos podemos reconciliar. Porque nunca esquecemos a razão da nossa aliança.

Nós, aqui, neste espaço, vivemos numa Europa que cresceu, amadureceu e se consolidou com uma população de 500 milhões de habitantes. Mais de 200 milhões de pessoas votaram nas eleições. Esta Europa tem influência. Esta Europa quer assumir responsabilidades, em nome próprio e para com o mundo.

Nem sempre é fácil, bem o sei. É doloroso e fastidioso, mas é o nosso dever! Os cidadãos querem resultados e progressos. Os jovens assim o exigem. Os meus filhos dizem-me, com razão: «Não percam tempo — usem-no bem.»

Eis porque aqui me têm. Eis porque preciso da vossa ajuda e do vosso apoio. Eis porque apelo a todos os europeus para que se juntem a mim nesta missão. É o que de mais precioso temos: **Es lebe Europa, vive l'Europe, long live Europe — viva a Europa!**

